



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS – CAMPUS III
CURSO DE LETRAS

MARIA JOSÉ DOS REIS ARAÚJO

**O SENTIDO DE PROTESTO NOS POEMAS/CANÇÕES
DE CHICO BUARQUE DE HOLLANDA**

GUARABIRA – PB

2014

MARIA JOSÉ DOS REIS ARAÚJO

**O SENTIDO DE PROTESTO NOS POEMAS/CANÇÕES
DE CHICO BUARQUE DE HOLLANDA**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Marilene Carlos do Vale Melo

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A658s Araújo, Maria José dos Reis

O sentido de protesto nos poemas/canções de Chico Buarque de Hollanda [manuscrito] : / Maria Jose dos Reis Araujo. - 2014.
15 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)-
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Marilene Carlos do Vale Meio, Departamento de Letras".

1.Canções de Protesto. 2. Chico Buarque 3. Ditadura Militar. I. Título.

21. ed. CDD
780

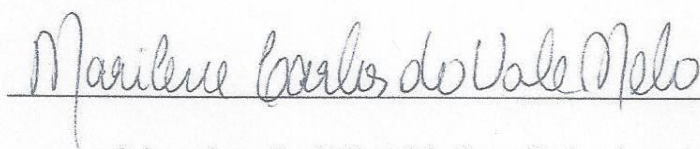
MARIA JOSÉ DOS REIS ARAÚJO

**O SENTIDO DE PROTESTO NOS
POEMAS/CANÇÕES DE CHICO BUARQUE DE
HOLLANDA**

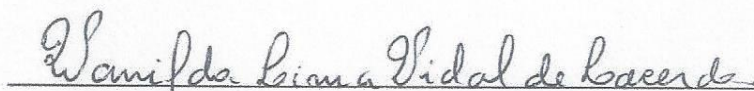
Trabalho apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
como requisito parcial para a obtenção do
Grau de Licenciada em Letras.

Aprovada em: 25/11/2014

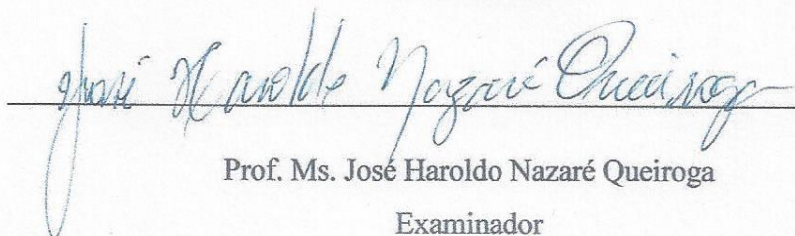
BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Prof.^a Dra. Marilene Carlos do Vale Melo
Orientadora



Prof.^a Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda
Examinadora



Prof. Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga
Examinador

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a construção dos poemas/canções de Chico Buarque, “Apesar de você” e “Cálice” destacando os aspectos semânticos-discursivos que permitem associar algumas expressões com o contexto político-sócio-cultural em que foram produzidos, ou seja, no momento em que o Regime Militar estava instaurado no Brasil. Foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica baseada na leitura de alguns livros sobre história e literatura, com destaque o de Nadine Habert e o de Domício Proença Filho. Tratamos também sobre a vida de Chico Buarque e sua relação com a censura, ressaltando os estudos de Wagner Homem e Ramon Casas Vilarino e ainda alguns artigos sobre o assunto.

Palavras-chave: Canções de Protesto, Chico Buarque, Ditadura

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se delimita no campo dos poemas-canções escritos por Chico Buarque de Hollanda, especialmente os poemas “Apesar de você” e “Cálice”, cujos textos refletem o momento político-sócio-cultural em que foram compostos, a saber, o regime ditatorial (1964 – 1985).

O objetivo geral da pesquisa é investigar a construção dos referidos textos, destacando os aspectos semântico-discursivos, deixando transparecer o sentimento do povo brasileiro em meio ao turbilhão da ditadura. Para isso, trataremos de apresentar nas canções os termos que manifestam estes aspectos e, assim, analisar a função deles, mantendo em foco o significado que manifesta o momento histórico e o contexto em que foram escritos.

Os textos são caracterizados por conter uma linguagem que traduz o sentido de protesto, cujos termos relacionados com o contexto político-sócio-cultural do país contém uma ambiguidade de sentido que denota a intenção do autor em denunciar o sofrimento dos brasileiros e a esperança de mudança, ao mesmo tempo em que revela a insatisfação do povo.

Incluimos em nosso estudo as relações entre o texto e a História do Brasil, no que concerne ao espaço de tempo em que ocorreu a ditadura e um pouco da vida de Chico Buarque. A base teórica está em Wagner Homem (2009), Ramon Casas Vilarino (2002), Domício Proença Filho (1988), Nadine Habert (2011) e em artigos publicados na época.

Decidimos desenvolver esta temática por entendermos que o período da ditadura foi um momento de dura repressão, no qual a censura impedia que os sentimentos de desagrado da população fossem expressos, até mesmo artisticamente, já que assim poderia atingir um grande público, o que poderia representar uma ameaça ao regime militar. Portanto, os artistas, tiveram que utilizar uma linguagem metafórica que mascarava os textos e, assim, passassem pela a censura. O destaque de nosso estudo será o uso das metáforas em alguns poemas/canções que tiveram êxito na época.

2. MOMENTO HISTÓRICO

O Brasil teve um grande choque com a notícia do suicídio de Getúlio Vargas, em 1954. Apesar do trauma, as eleições ocorreram na data prevista daquele ano elegendo Juscelino para Presidente da República. Logo empossado, ele criou o projeto que ficou conhecido como “Programa de Metas”, com o lema “Cinquenta anos em cinco”, o que fazia clara menção ao desenvolvimento a qualquer preço. Vieram então, a construção da capital Brasília com projetos arquitetônicos de Niemeyer, juntamente com o urbanista Lúcio Costa e a ampliação do parque industrial.

Junto com esse “crescimento econômico” do país fervia a cultura. Em 1955, o filme “Rio 40 graus”, de Nelson Pereira, fez sucesso, hoje conhecido como marco do Cinema Novo. Também no Teatro Arena, em 1958, a peça “Eles não usam black tie”, de Gian Francesco Guarnieri apresentou o povo como principal protagonista. No mesmo ano, foi criado o Teatro Oficina, onde viria, mais tarde, ser lançado um dos grandes manifestos da cultura brasileira, o Tropicalismo. Na música, o disco de João Gilberto intitulado “Chega de saudade” inaugurou um novo estilo musical no Brasil, a Bossa Nova.

Em janeiro de 1961, assumiu a presidência, Jânio Quadros, candidato da UDN (União Democrática Nacional), e o seu vice João Goulart. Porém o governo conhecido como “Jan-Jan” durou pouco. Jânio, orientado pelo partido que o elegeu, adotou um programa liberal. Com o problema alarmante da inflação, ele tomou medidas drásticas para combatê-la: congelou salários, cortou gastos com empresas privadas e restringiu o acesso ao crédito. Dessa forma, sua popularidade caiu rapidamente e, em agosto do mesmo ano, Jânio resolveu renunciar ao cargo, acreditando que os dirigentes da UDN solicitariam sua permanência, para evitar que Goulart assumisse a presidência, porém sua renúncia foi aceita imediatamente.

Quando Jânio renunciou, seu vice João Goulart estava viajando em missão diplomática, na China. De volta ao país, ele se defrontou com a instabilidade política; os militares vetaram seu direito de assumir a presidência, lançaram um manifesto contra sua posse e ameaçaram desencadear um golpe. No entanto, o então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, tomou a frente de uma resistência que conseguiu o fim da visível tentativa de golpe, e João Goulart assumiu então, o posto de presidente. Proença Filho (1988) vem reforçar que:

[...] após grave crise política, no bojo de um recém-adotado Parlamentarismo, de reduzida duração: o plebiscito de 1963 traz de volta o Presidencialismo e Goulart

busca realizar um governo acentuadamente populista. Novo recrudescimento da crise, que culmina em 1964, com o golpe militar que termina por conduzir o país a 20 anos de governo ditatorial, com tentativas de superação dos muitos problemas sociais e econômicos, mas um tempo de terrível repressão, quando a arte sofre, ainda uma vez, a restrição agressora da censura. (p. 49)

Na madrugada de 31 de março de 1964 inicia-se a tomada do poder da presidência do Brasil, por parte dos militares, estes tinham como objetivo colocar “ordem” no país, de forma rígida e autoritária. O golpe trouxe grandes mudanças para todos os setores do país, tanto político, como econômico, social e cultural.

O golpe de 64 foi uma surpresa para todos os brasileiros, surpresa que trouxe momentos de puro sofrimento para todo o Brasil, em especial para aqueles que, de alguma forma, representavam ameaça ao governo militar: professores universitários, intelectuais, jornalistas, artistas e políticos que eram contrários ao regime que se instaurara.

A oposição ao regime só crescia, a arte em geral teve papel importante, como formadora de opinião. Música, cinema e literatura, empenharam-se em demonstrar para a sociedade o compromisso que todos deveriam assumir na luta contra a ditadura militar. Como afirma Proença Filho (1988, p. 50): “As oscilações de poder, as implicações ideológicas, políticas e sociais que a elas se vinculam, conduziriam e conduzem a repercussões também na área cultural e, conseqüentemente nas criações literárias e nas atitudes dos artistas.”

Com o surgimento e expansão dos meios de comunicação de massa o governo viu uma solução para o não disseminamento de ideais revolucionários por meio da arte, pois enquanto ele permitia que as manifestações de protesto, ocorressem livremente, era de seu conhecimento que os receptores dessas manifestações estariam hipnotizados com os encantos da televisão, dessa forma não representariam ameaça ao regime. Assim foi até o ano de 1968. Sob o comando do segundo presidente da Ditadura, Costa e Silva, iniciou-se o período mais brutal do regime, que ficou conhecido como “anos de chumbo”. Com a promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), a repressão tomou mais espaços. A partir daí, nem o mínimo comentário contra a ditadura seria tolerado, como afirma Habert (2011):

O uso permanente de instrumentos como o AI-5, e outros decretos que ampliavam o alcance da censura, combinavam-se a vários outros mecanismos de repressão, coerção e vigilância permanente que criou um clima de terror e autocensura. (p. 29).

Foi determinada uma censura rigorosa aos meios de comunicação; milhares de prisões foram feitas e censores examinavam tudo em detalhes, só era publicado o que era permitido por eles.

Os artistas, diante da situação que se encontrava o país, e que eram engajados com a questão política, vieram a sofrer vários tipos de perseguições por parte dos militares, desde terem seus textos censurados, até serem torturados ou exilados. Muitos eram “convidados” a se retirarem do país, tudo em nome da “Segurança Nacional”. Os festivais televisivos, que estavam em alta na época, foram um dos meios de divulgação de músicas de protesto. Ali nasceram grandes compositores brasileiros, um deles, Chico Buarque de Hollanda.

A partir dos “anos de chumbo”, a obra de Chico adquiriu um caráter totalmente ligado ao contexto histórico do Brasil. Francisco Buarque de Holanda, dramaturgo, compositor, cantor e escritor, demonstrou interesse pela arte logo em sua infância ao se deleitar com as marchinhas e sambas que a empregada da família costumava ouvir. Aos 9 anos, já compunha marchinhas, aos 13, aprendeu a tocar violão; já na adolescência escreveu crônicas e contos para o jornal, ao qual ele deu o nome de “O verbamidas”, da escola onde estudava. Acreditava que seguiria a carreira de escritor, porém o disco de João Gilberto “Chega de saudades” o fez adiar os planos, fascinado com o novo ritmo da Bossa Nova. Daí compôs a “Canção dos olhos”, mas só em 1961, apresentou-se em um evento estudantil com “Marcha de um dia de sol”. Em 1963 prestou vestibular para a FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo), segundo Wagner Homem (2009, p. 8): “[...] menos por escolha do que por falta de alternativa. Para música não havia boas escolas, e o curso de Letras era tido, na época, como coisa para mulheres.”

Seguindo a carreira de músico, iniciou uma série de apresentações nos bares de São Paulo, com grupos de amigos, que batizou de “Sambafos”. Na época em que Chico vivia na universidade, o Golpe Militar esfriou os ânimos políticos, e ele se voltou cada vez mais para as canções. No período em que estavam em alta os festivais musicais na tv, Chico participou com a música “A banda”, interpretada pela cantora Nara Leão e ganhou o segundo lugar no II Festival de MPB da Record. A partir daí, sua vida começou a mudar; a música “A banda” fez um sucesso enorme, em menos de uma semana vendeu mais de 100 mil cópias e já veio com um tom de tristeza. Sobre ela, Vilarino (2002) diz:

[...] *A Banda* de Chico Buarque traz um conteúdo um tanto desalentador, não apontando o dia que virá como redenção para o presente, mas anotando naquele momento uma possibilidade para esquecer a dor, uma oportunidade fugaz, mas é na passagem (*sic*) da banda que se anuncia um mal-estar presente:... (p. 57).

Após o sucesso, gravou seu primeiro LP, onde vieram as músicas “Pedro pedreiro” e “Sonho de um carnaval”. Em 1966, teve seu primeiro contato com a censura: sua canção,

“Tamandaré” foi proibida de ser tocada, no show “Meu Refrão”, pois a letra continha uma crítica à desvalorização do Cruzeiro Novo.

Lançou seu segundo LP em 1967. Nesse mesmo ano, foi chamado pelos militares para prestar esclarecimentos sobre sua participação na “*Passeata dos Cem Mil*” e também sobre a peça de sua autoria, “*Roda-viva*” considerada subversiva. A peça chegou a ser interrompida pelo CCC (Comando de Caça aos Comunistas) e seus atores agredidos.

No ano de 1968, as canções tomaram tom de protesto direto contra a situação política do país, o governo resolveu então, promulgar o AI-5 e a censura ficou mais forte. Sobre o assunto, Vilarino (2002, p. 84) reforça ainda: “O ano de 1968 é marcado pelo endurecimento da censura e pela repressão na área cultural.”

Dentro desse clima de tensão e repressão, surgiram os “textos de protesto”, sobre os quais Vilarino (2002) afirma que:

A luta cultural também era travada no espaço da censura, onde os compositores da MPB procuravam manter a sua mensagem e protesto, mesmo com as alterações impostas. Daí o significado das metáforas que, para além de um recurso de linguagem, era uma alternativa para que um grito fosse lançado. (p. 85).

3. UMA LITERATURA DE PROTESTO

O protesto caracteriza-se por se tratar de uma forma de manifestar insatisfação com algo, podendo ser realizado em qualquer época, região e por qualquer pessoa; geralmente se tornam mais visíveis quando cumprido por grandes grupos. Apresenta vários pontos de vista em sua formulação, sendo político religioso, social, econômico e/ou cultural.

Partindo do ponto de vista político/social destacamos as canções de protesto, estas que se desenvolveram mais fortemente no Brasil, nos anos 60/70 como tendência, onde os artistas puderam manifestar as ideologias, as quais defendiam um querer de transformação “nacional-popular”.

Dois movimentos da música brasileira fizeram parte desse período: a Jovem Guarda e a MPB. A primeira, surgida nos anos 60, se caracterizou como influência do *rock'n roll*, porém, com uma visão positiva, diferentemente dos roqueiros anteriores, segundo Vilarino (2002, p. 18):

Principalmente após o golpe militar de 64, período em que a participação político-social caracterizava as artes em geral e a música em particular, a Jovem Guarda foi mais um movimento um tanto conformista e menos transgressor.

Já a MPB possuía um caráter de defesa da realidade brasileira, impulsionada, principalmente, pelos festivais, foi um movimento que ganhou força com o Golpe Militar. O público formado era basicamente a classe média e os universitários. Ganhou várias definições: música de protesto, politicamente engajada, dos festivais e MMPB (moderna música popular brasileira).

Num momento em que a ditadura militar dá sinais de fôlego, tornando mais rígida a perseguição aos opositores, uma constante nas letras da MPB é a possibilidade de redenção no futuro, no amanhã, no dia que sucederá o atual estado de coisas. (VILARINO, 2002, p. 57).

A MPB, nesse momento, se preocupava em levar ao público mensagens de esperança, de que todo o sofrimento acabaria:

Talvez a grande proposta da MPB, para além de cantar o *dia que virá*, tenha sido transmitir a possibilidade de mudança, o desejo e a busca necessária – embora não se apontasse com certeza o caminho – de uma realidade melhor e menos brutal, no plano político e nos índices sócio-econômicos que atestavam a miséria de boa parte dos brasileiros. (Ibidem, 2002, p. 67).

Mas foi a partir de 1968, logo após o decreto do AI-5, que intensificou o cerco contra os artistas em geral e contra todos aqueles que se manifestavam contrários ao regime, pois:

[...] é o momento em que emerge uma nova cultura política, menos centralizada sobre o Estado e mais sobre a luta contra todas as formas de autoridade e repressão que se exercem sobre o indivíduo, nos aspectos de sua vida sócio-cultural. Não obstante a emergência dessa nova cultura política, devido ao regime militar que se consolidava no Brasil, a MPB ainda protestava. (Ibidem, 2002, p.81)

A censura tinha várias formas de interferir nas manifestações que aparentavam crítica ao governo ou apoio a algum indício de revolução, como assinala Vilarino (2002):

Para impedir que os compositores trabalhassem com questões que colocassem em dúvida a ordenação e o progresso do país, a censura não só proibia a veiculação de peças e músicas mas, antes, procurava interferir no processo de criação. Chamando os compositores para explicarem suas composições, os censores sugeriam mudanças nas letras como condição para que as músicas recebessem autorização para serem divulgadas. (p. 82)

3.1. ANÁLISE DOS POEMAS

Dentro desse contexto, analisamos “Apesar de você” e “Cálice”, dois textos carregados de significados que remetem ao momento, ao sentimento e as vivências da época

3.1.1. “APESAR DE VOCÊ”

Em 1970, Chico Buarque voltou do autoexílio na Itália, no qual permaneceu por dois anos. Ao se deparar com a situação, nada boa, em que se encontrava o país, segundo Severiano (1998, p. 151), “[...] externou seu desapontamento no samba **“Apesar de você”** [...]”. A canção conseguiu passar pela censura, mas, por causa de uma nota que saiu num jornal do Rio de Janeiro, insinuando que o **“você”** do poema seria o então Presidente Médici, os censores perceberam o recado, contudo era tarde, já tinha virado sucesso. A partir daí, Chico seria listado como um dos que mais representavam ameaça e foi perseguido, mas não cansou, chegou até a usar pseudônimos, como Julinho de Adelaide e Manoel Paiva, para ter suas canções liberadas.

O poema contém uma forte ambiguidade de significados. **“Apesar de Você”** apresenta, de um lado, a realidade repressiva do poder: (**“Hoje você é quem manda/ Falou, tá falado/ Não tem discussão**), regida pelo advérbio **HOJE**, e configura uma situação de sujeição (**“A minha gente hoje anda/ falando de lado/ olhando o chão.”**), de escuridão, de represamento de emoções (**“todo esse amor reprimido/ esse grito contido”**).

O **“VOCÊ”** decorre a clara intenção de um recado direto, referindo-se ao general Médici, que mantinha o estado autoritário, mas pode ser interpretado como apontamento a uma mulher, numa suposta briga de casal, como afirmou Chico ao responder interrogatório sobre o texto.

Tudo ia bem, até que uma notinha publicada num jornal do Rio de Janeiro insinuou que o "você" era na verdade o presidente Médici. Chico, já preparado, disse cinicamente que se tratava de uma mulher muito mandona (HOMEM, 2009, p. 62).

Nota-se **minha gente** como possível referência aos artistas que estavam sofrendo as imposições da censura, ou ainda a todo povo brasileiro que vivia em meio à opressão, sem poder se manifestar criticamente em relação à situação do país.

Percebe-se ambiguidade ainda em: **Você que inventou esse estado/ E inventou de inventar/ Toda escuridão/ Você que inventou o pecado/ Esqueceu-se de inventar/ O perdão**. Essa **escuridão** remete novamente à opressão, à dificuldade que os artistas encontravam em ver suas obras publicadas, pois o mínimo verso ou palavra que aparentasse crítica, seria vetado. Chico lembra-se de seus companheiros exilados ao mencionar o **pecado** cometido por eles, para serem convidados a saírem do país e a anistia como o **perdão** não

concedido. É evidente a necessidade de situar o texto no momento histórico em que foi criado, para a compreensão das expressões.

Na estrofe: **Apesar de você/ Amanhã há de ser/ Outro dia**, há a perspectiva da alteração radical dessa situação, a esperança do fim do regime militar, num **amanhã** que viria a ser (**quando o galo cantar, o dia raiar, a manhã renascer e esbanjar poesia, o céu clarear**) uma ameaça à ditadura. Aí então aconteceria a **enorme euforia** (“**água nova brotando/ e a gente se amando/ sem parar**”) que já seria uma prefiguração da poderosa explosão do novo texto “O que será”. Também há a marca da negatividade, quando o “**Apesar de você**” pode ser interpretado como “**ah pesar**”, criando uma alusão à tristeza e à decepção que o povo sentia em relação ao general Médici.

Seguindo a construção do poema, temos ainda: **Eu pergunto a você/ Onde vai se esconder/ Da enorme euforia/ Como vai proibir/ Quando o galo insistir/ Em cantar**, onde pode ser observada a utilização da ironia por parte do autor em relação ao general Médici, direcionando as questões: **Onde vai se esconder, Como vai proibir**, ao **VOCÊ** do poema que reprime (“**inventou a tristeza/ Que inventou esse estado/ E inventou de inventar/ toda escuridão/ Que inventou o pecado/ que esquece de inventar o perdão**”), e que nada pode fazer para impedir o renascer, o amanhã, a força da natureza que se projeta. Cada lágrima manifesta resoluta, indiferente ao mando do homem, quando sua autoridade e a proibição não funcionassem mais e esse PODER que não pode mais impedir (“**vai amargar/ Vendo o dia raiar/ Sem lhe pedir licença.../ Vai ter que ver /O amanhã renascer/ e esbanjar poesia**”). Pressupõe-se que o **galo** mencionado, se refira ao amanhã tão esperado; o cantar do galo indica geralmente o alvorecer, o nascer de um novo dia. Relacionado ao texto, esse seria o dia em que o povo poderia **cantar**, isto é, expressar sua opinião, falar sem se preocupar com a censura.

A hora do renascer, que promete um mundo de júbilo, traduz a esperança, renunciando a queda do poder: **Quando chegar o momento/ Esse meu sofrimento/ Vou cobrar com juro, juro/ Todo esse amor reprimido/ Esse grito contido/ Este samba no escuro/ Você que inventou a tristeza/ Ora, tenha a fineza/ De desinventar/Você vai pagar e é dobrado/ Cada lágrima rolada/ Nesse meu penar**. Fica evidente a revolta para com o Presidente Médici, por tudo que os brasileiros estavam enfrentando, o sofrimento que seria cobrado quando chegasse o futuro de liberdade, quando se pudesse soltar o **grito contido** do povo. A tristeza e as lágrimas dos familiares dos presos e exilados além daqueles que sumiram, sem nenhum vestígio, ele teria que **pagar dobrado**, quando chegasse a hora.

E, ainda, subtende-se novamente uma ameaça ao governo militar, nos versos: **Você vai se amargar/ Vendo o dia raiar/ Sem lhe pedir licença/ E eu vou morrer de rir/ Que esse dia há de vir/ Antes do que você pensa.** A forte e direta ironia no verso: **E eu vou morrer de rir**, é uma forma de provocação utilizada por Chico. Uma grande questão que é apontada no poema seria como o governo conseguiria parar com uma revolta que só crescia, como é visível nos últimos versos: **“Como vai explicar vendo o céu clarear/ De repente, impunemente/ Como vai abafar/ Nosso coro a cantar/ Na sua frente.”**

Os versos do poema refletem a liberação da emoção contida, e resolvem no plano verbal e emocional, o que deveria acontecer no plano da ação histórica: exercem uma ação CATÁRTICA. No final, percebe-se que há a esperança do renascer, de um novo dia, de um amanhã com possibilidades, apesar da repressão e do poder.

3.1.2. “CÁLICE”

Com primeira estrofe e refrão compostos por Gilberto Gil, e demais estrofes por Chico Buarque, “Cálice” foi criada para apresentação no Show *Phono 73*, que ocorreu em São Paulo, em 1973. A canção seria cantada pelos dois autores, porém no dia do show, foram avisados que ela foi proibida, mesmo com a proibição decidiram cantá-la, para impedir que a palavra **Cálice/Cale-se** fosse pronunciada, cortaram o som de todos os microfones, um após outro, ao iniciar o microfone foi cortado, Chico, com raiva procurou outro que foi novamente desativado e assim sucessivamente. Quando, com ironia, Chico desistiu e disse: “Vamos ao que pode” e cantou outra canção. Onde pôde ser visto a censura atuando na frente de milhares de pessoas que acompanhavam o show. E assim, iconizou-se (transformaram a palavra em imagem concreta, em ícone). Para que ninguém ouvisse Cálice, a censura levou as 3.000 pessoas presentes no Show a ouvirem o Cale-se, dramaticamente concretizado nos microfones também “calados”.

“**Cálice**”, segundo Chico Buarque, *“Tem a cara do ano que foi feito (1973) – uma época que simbolizou ‘aquela coisa’ desesperada, pesada, o tempo que nos impedia de dizer o que sentíamos.”* A enumeração dos confrontamentos entre Chico Buarque e a Censura, seria longa e cansativa. Ele chegou a declarar nos jornais, que de cada 3 textos enviados para a censura, só um era liberado. Em alguns casos, tratava-se da censura política; em outros, de censura moral – afirmando aquele velho esquema de qualquer ditadura: a aliança – repressão política com a repressão social.

Logo no início, o verso que é repetido: **Pai, afasta de mim esse cálice** remete à ideia de súplica a um ser maior, a imagem do Pai celestial. Também faz referência à data em que Gilberto Gil iniciou a composição, a saber, uma Sexta-feira Santa. Podemos analisar o recurso metafórico, onde **cálice** transfigura-se em **cale-se/ calar**, evidenciando sua verdadeira face. Fazendo menção ao silêncio imposto pelo governo e que é mencionado ao longo de todo o poema, como é visto em: **Mesmo calada a boca, resta o peito/ Silêncio na cidade não se escuta**. E em: **Como é difícil acordar calado/ Se na calada da noite eu me dano/ Quero lançar um grito desumano/ Que é maneira de ser escutado/ Esse silêncio todo me atordoa**. O instrumento revelador da realidade, desmascarando a hipocrisia, suspirando, sussurrando, falando alto, gritando, rompendo o silêncio, as barreiras de repressão: o PODER.

As expressões usadas no poema (“**tragar a dor, engolir a labuta/ calada a boca, calado o peito/ palavra presa na garganta/ acordar calado**”) remetem a uma situação irreversível, sem saída, tecida de tanta mentira, tanta força bruta. Em: **Como beber dessa bebida amarga**, Chico indaga sobre a relação da arte com a censura e indica que **mesmo calada a boca resta o peito** que **mesmo calado o peito resta a cuca**, assegurando que o Estado não conteria suas produções. Aqui a boca pode ser interpretada como a comunicabilidade; o peito, o sentimento e a cabeça como o pensar. Através desses meios, o autor apaga as propriedades do lado humano e discorre sobre a impossibilidade da manifestação do pensamento por meio da palavra e que este fato invalida o artista.

No trecho, **Como é difícil acordar calado/ Se na calada da noite eu me dano/ Quero lançar um grito desumano/ Que é uma maneira de ser escutado**, é marcada a imposição do controle das expressões, pois o **me dano** representa as prisões políticas que ocorriam, geralmente, nesse horário para conservar a discricção do que, às vezes, acabava em tortura e morte, interpretada aqui, como **grito desumano**, o grito dos que sofreram pelo bem da sociedade. Esse sofrimento ainda é reforçado em **Esse silêncio todo me atordoa/ Atordoado eu permaneço atento/ Na arquibancada pra a qualquer momento/ Ver emergir o monstro da lagoa**.

O silêncio torturante de “**Cálice**” vai crescendo, sufocando, aumentando incontrolavelmente para explodir em “Que será?”. Essa situação de impedimento, coibição da censura, conduzia ao silêncio de **Cálice/ Cale-se**.

O sentido de protesto presente em todo o poema – onde está o clima do seu tempo – reflete os anos mais terríveis, vividos pelo povo brasileiro, em matéria de repressão, censura, sufoco, “ter que calar”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As canções de protesto, assim como as manifestações culturais em geral, foram de grande relevância para a formação de opiniões e para a chegada do fim do regime militar, sendo o meio de maior alcance popular, se tratando da época em questão. É importante ressaltar que existem vários outros autores, assim como, outras canções de protesto que representam o sentimento do povo no momento da ditadura, porém nos detivemos apenas aos poemas “Apesar de você” e “Cálice” por serem ícones da época e da luta em questão. Lembramos também que destacamos apenas alguns aspectos que declaram como os artistas se manifestavam diante de uma rigorosa censura, através de recursos da linguagem, como as metáforas. Pois as canções trazem muito mais do que aquilo que podemos enxergar, por serem passíveis de amplas leituras.

Fica evidente a forma como Chico utilizava as palavras a favor dos desfavorecidos, e de como sua obra está diretamente ligada à história do Brasil. Seus textos de linguagem simples e fina ao mesmo tempo, a sua preocupação no encaixe das palavras, isso tudo contribuiu para que eles sejam alvo de estudos, também por conseguirem alcançar todas as classes sociais. Ele procurava, através de suas canções, alertar o povo, sobre a verdadeira situação do país, protestava contra as injustiças cometidas na época e contra as desigualdades, por isso teve suas produções censuradas, foi exilado, porém não desistiu e continuou com a luta, pela liberdade de expressão.

Chico Buarque, assim como suas canções, textos, poemas, são retratos do período mais obscuro que o país sofreu. Devido a isso, ele é hoje ícone e grande formador de opinião.

REFERÊNCIAS

FILHO, DOMÍCIO PROENÇA. **Pós-modernismo e Literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1988. 84 p.

GROPPO, L. A. **MPB e Indústria Cultural nos Anos 60**. *Impulso*, nº. 30, p. 133-148, 2001.

HABERT, NADINE. **A década de 70: Apogeu e crise da Ditadura Militar Brasileira**. ed. 3, São Paulo: Editora Ática, 2011. 95 p. (Série Princípios)

HOMEM, WAGNER. **Histórias de Canções: Chico Buarque**. São Paulo: Leya, 2009. 262 p.

SEVERIANO, JAIRO.; MELLO, ZUZA HOMEM. **A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras**. São Paulo: Editora 34, 1998, 368 p. (Coleção ouvido musical)

SUSSEKIND, FLORA. **Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. 96 p. (Brasil: Os anos de autoritarismo)

VILARINO, RAMON CASAS. **A MPB em movimento: música, festivais e censura**. ed. 4, São Paulo: Olho d'água, 2002. 135 p.

Apesar de você. Disponível em:

<<http://m.letras.mus.br/chico-buarque/7582/>>. Acesso em 10/10/2014

Cálice. Disponível em:

<<http://m.letras.mus.br/chico-buarque/45121/>>. Acesso em 23/10/2014